

O GÊNERO CONTO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADES A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Thayná Aparecida de Almeida Lyra

Graduanda em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Garanhuns). E-mail: thayna.almeida@upe.br

Silvio Nunes da Silva Júnior

Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Professor da Universidade de Pernambuco (UPE/Campus Garanhuns) e da Secretaria Municipal de Educação de Palmeira dos Índios/AL. E-mail: silvionunesdasilvajunior@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo expor como pode ser realizado o trabalho pedagógico com o gênero textual conto em sala de aula, apresentando-o como facilitador da aprendizagem da leitura e tomando como base a literatura de Machado de Assis. Foi criada uma sequência didática a partir do conto “A Carteira”, de Machado de Assis, a qual foi formulada, inicialmente, para o 1º ano do ensino médio, mas que pode ser adaptada para outros níveis de ensino. Para fundamentar as reflexões e da proposta pedagógica desenvolvida, recorreremos a perspectivas teóricas que versão sobre gêneros textuais, conto, leitura, mediação pedagógica e sequência didática. As proposições construídas no presente artigo ressaltam a necessária autonomia relativa que o professor precisa desenvolver no decorrer de suas práticas, para que este não se limite à posição de reprodutor de ações pedagógicas anteriormente elaboradas.

Palavras-chave: Gênero Conto. Sequência Didática. Machado de Assis.

Considerações iniciais

O trabalho com textos literários nas práticas de leitura no ensino médio é relevante, pois o ensino da Literatura e da Língua Portuguesa precisa considerar não somente a historicização da Literatura, mas, também, as particularidades dos textos e dos autores. Nesse sentido, a articulação entre língua e literatura é possível por meio de uma postura sensível de professores em atuação profissional, o que remete, necessariamente, a uma inter-relação contínua entre teoria e prática de ensino. O presente artigo aborda o uso gênero textual conto para o desenvolvimento da leitura no ensino médio, tomando como base o conto “A Carteira”, de Machado de Assis, a partir da criação de uma sequência didática. A ideia surgiu a partir das observações que a primeira autora realizou durante suas experiências de Estágio Supervisionado. Nessas observações, foi possível verificar que os estudantes estavam tendo contato com variados textos literários e tal contato vinha sendo significativo, pois, além de

identificar os elementos históricos e escolásticos da literatura, a produção de sentidos também era considerada.

Com base nas observações realizadas no estágio, surgiu a necessidade de se criar uma sequência didática que abordasse o gênero conto, enfatizando a sua abordagem no ensino médio. Acreditamos que tal gênero textual pode contribuir para as práticas de leitura nas salas de aulas, dada a importância de se pensar nos processos de reflexão dos estudantes por intermédio do ensino da língua e da literatura. A esse respeito, Antunes (2009) afirma que o gosto pela leitura de textos da esfera literária é adquirido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. É um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido (ANTUNES, 2009). Portanto, é papel do professor estimular que o estudante desperte o interesse no seu *eu interior* para a prática da leitura, isto é, o prazer pelo hábito de ler. Os textos literários ajudam nesse incentivo, pois geralmente abordam temáticas que chamam a atenção do leitor.

Além disso, surge a necessidade de abordar a literatura de Machado de Assis por este ser um escritor que apresenta características singulares em suas obras, enfatizando temáticas como a questão do adultério e demais problemáticas socialmente relevantes. Esses aspectos chamam a atenção dos estudantes, uma vez que despertam neles o gosto pela leitura, bem como o interesse em descobrir o que se encontra implícito no texto. Com isso, compreendemos que o conto é um gênero antigo que se iniciou com a tradição oral, algo passado de geração em geração, e que, com o passar dos anos, começou a se manifestar na sociedade na modalidade escrita. O conto possui algumas características particulares, como a questão do foco narrativo, das personagens, da estrutura do enredo, entre outras.

Diante disso, é apresentada, neste trabalho, após uma explanação teórica sobre gêneros textuais, conto, leitura, mediação pedagógica, uma Sequência Didática sobre o conto *A Carteira*, de Machado de Assis, no intuito de servir de auxílio para práticas pedagógicas com a leitura, a compreensão e a produção de sentidos. A Sequência Didática desenvolvida está voltada ao 1º ano do ensino médio, mas pode ser adaptada para outros níveis de ensino. As proposições construídas no presente artigo ressaltam a necessária autonomia relativa (ZOZZOLI, 2006) que o professor precisa desenvolver no decorrer de suas práticas, para que este não se limite à posição de reproduzidor de ações pedagógicas anteriormente elaboradas.

O gênero textual conto, a literatura de Machado de Assis e as sequências didáticas

As relações que os gêneros textuais mantêm com os contextos histórico-sociais dos sujeitos são diversas. Diferentes perspectivas teóricas vêm delegando a função social dos gêneros, visto que eles estão em todos os lugares e povoam todas as interações humanas. Acerca da definição de gênero textual, Marcuschi (2008) infere que se tratam de realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas. Nesse sentido, o conceito de gênero textual não se volta essencialmente para o ensino. Por essa razão, cabe um olhar sensível do professor sobre como levar os gêneros para a sala de aula e trabalhá-los visando o desenvolvimento da leitura, da produção de texto e da gramática dos alunos. Os gêneros literários também são contemplados nesta discussão, uma vez que as realizações linguísticas no campo da literatura são compreendidas com maior ênfase no seu plano poético. Assim, um gênero textual pode ser também gênero literário. A diferenciação vai ser dada a partir do tratamento desse gênero dentro ou fora de sala de aula. O conto, por exemplo, atua nesses dois planos e é tomado, neste estudo, como gênero textual.

De acordo com Magalhães Júnior (1972, p. 8),

O conto é uma herança de tradição oral que pertence a todos os povos, sendo uma das mais antigas formas de expressão da literatura. O conto é um gênero de tradição oral que com o passar do tempo evoluiu para a forma escrita e mais rebuscada.

O conto é um exemplo de gênero textual que passou por processos de resignificação ao longo do tempo, principalmente no que se refere à modalidade de linguagem predominante. A tradição oral, em diferentes gêneros, foi substituída pela escrita, a qual, culturalmente, ganhou um destaque mais elevado. Tais elementos históricos precisam ser considerados para as abordagens dos gêneros em sala de aula. Nessa perspectiva, vale ressaltar a importância do texto literário em sala de aula. Nos livros didáticos, é possível encontrar trechos de textos desse âmbito, porém, muitas vezes, os recortes não dão conta de apresentar aos estudantes a grande bagagem cultural que as obras trazem em seu escopo. Somado a isso, é pertinente que o professor de Língua Portuguesa adote o conceito de utilizar os textos literários para trabalhar os diversos objetos de ensino em sala de aula, a exemplo das questões gramaticais caras ao

ensino fundamental e ao ensino médio. Para tanto, Cunha, Amandio e Saraiva (2010, p. 3) compreendem que

A compreensão da importância que a literatura possui na vida do ser humano e do papel do professor na formação de leitores perpassa as academias, os cursos de formação de professores e as escolas. Entretanto, mesmo conhecendo o posicionamento de renomados estudiosos da literatura, muitos professores brasileiros reportam dificuldades no ensino da literatura e continuam utilizando o livro didático como recurso mais importante em suas aulas.

A função social da literatura, em muitos casos, não é levada em consideração por professores. Isso acarreta uma quebra problemática entre a língua e a literatura na escola. Nesse sentido, é necessário que o professor perpassasse os limites de focar apenas o livro didático, ou, de modo mais amplo, os elementos linguísticos e normativos, e comece a perceber e estimular a dinâmica da literatura na formação de bons leitores. Além disso, Cunha, Amandio e Saraiva (2010) mostram que é necessário mostrar aos estudantes obras literárias por completo e não apenas pequenos trechos dos textos literários, como ocorre em diferentes materiais didáticos.

Conforme explica Araújo (2015, p. 04),

O conto é um dos gêneros prosaicos mais populares da Literatura e a pertinência de colocá-lo em cena na sala de aula está no fato de o mesmo ser produzido à luz das situações cotidianas, das práticas sociais situadas na história da humanidade, das vivências, dos acontecimentos. Sua natureza condensada permite uma leitura mais rápida e resultados interpretativos mais positivos.

O gênero conto pode fazer parte, dessa maneira, da base para o trabalho com a língua e a literatura em sala de aula, visto que ele está presente no cotidiano social, além de ser um gênero curto e de fácil compreensão para os estudantes, pois a linguagem e o conteúdo utilizado para sua produção fazem parte da realidade dos leitores, já que tal gênero é “produzido à luz das situações cotidianas” (ARAÚJO, 2015, p. 04). Nesse ínterim, as abordagens com o gênero conto em sala de aula podem acontecer de maneira mais descontraída. No entanto, Cunha, Amandio e Saraiva (2010, p. 5) inferem que “Os contos, por serem mais curtos e propiciarem uma leitura mais rápida, viabilizam sua leitura integral numa só aula, o que permitirá ao professor realizar uma leitura compartilhada com os alunos.”. Com base nisso, surge a pertinência de se trabalhar a

leitura de contos nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que, assim, os estudantes têm acesso a esse gênero por meio da leitura e a compreensão.

Compactuando com o que fora apresentado, Kleiman (2013, p. 36) relata que "é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto". Nesse caso, é importante que a leitura compartilhada seja realizada tanto quanto o debate sobre trechos mais destacados na obra, para que, com isso, o aluno compreenda mais a fundo o texto estudado, suas características, estrutura do enredo.

Os gêneros mais comuns de serem abordados no ensino são: romance, novela e conto. Segundo Soares (2007), o conto é uma narrativa menor que o romance e a novela. Nesse sentido, ele possui particularidades na sua estrutura. Com o conceito de conto apresentado até o momento, podemos compreender que a estrutura desse gênero se dá, basicamente, pela situação inicial, o desenvolvimento, o conflito, o clímax – momento de maior tensão na narrativa – e o desfecho. Além disso, também é possível encontrar, no citado gênero narrativo, a caracterização do tempo, do espaço, das personagens e do foco narrativo em que a obra se encontra. O trabalho com o gênero conto é pautado em suas particularidades para a compreensão dos estudantes, na leitura e na escrita, de forma com que o texto narrativo ajude o professor a desenvolver práticas de leitura e compreensão, além de influenciar a escrita criativa usando a imaginação ou fatos do cotidiano.

Fazendo uma articulação entre as abordagens com os gêneros em sala de aula e a mediação pedagógica, Gagnoux (2014, p. 8) pontua que

O professor é, dessa forma, o mediador entre o aluno e o livro. A afinidade entre o professor e a leitura favorece a mediação. Dificilmente um aluno será seduzido pelo discurso de alguém sem relação estreita com o texto e que não experimentou e degustou o produto ofertado. É quase impossível que o desejo de ler um livro possa ser despertado por um não leitor.

Nessa perspectiva, ao escolher um determinado texto para integrar uma atividade de sala de aula, o professor deve realizar uma análise inicial desse material. Tal análise implica maior segurança do docente no desenvolvimento das atividades propostas. O conto "A Carteira" possui traços particulares da escrita machadiana, como a ironia, abordando alguns tabus, a questão do adultério, a crítica à burguesia e à

sociedade nos tempos passados, como também ocorre em *A Cartomante* e em outros contos do autor. Em sua escrita, é possível ver uma relação direta de diálogo entre o autor e o leitor. Sobre as características da escrita de Machado de Assis, ainda é possível encontrar o humor irônico que, segundo França e Paula (2017, p. 9-10),

“O humor irônico” é uma temática marcante na maioria dos contos machadianos, porque é por meio desse tipo de construção estilística que Machado tende a levar o leitor a construir interpretações contrárias, com características satíricas, às que esperava inicialmente e que resultam em várias leituras. De forma singular, “o humor irônico” serve como pano de fundo para criticar a sociedade da qual fazia parte, e também para destacar as camadas mais íntimas do ser de maneira extremamente sutil.

Por esse motivo, Machado é até os dias atuais um grande escritor por possuir particularidades únicas na sua escrita como essa questão do humor irônico e do pessimismo. Esse pessimismo não julga as personagens, mas descreve como elas são de acordo com seu *status* social. Nessa perspectiva, o humor irônico e o pessimismo estão ligados um ao outro. De acordo com França e Paula (2017, p. 10), “A ironia machadiana surge como um pano de fundo para descrever a forma como viviam a sociedade escravocrata e a classe dominante da época, ou boa parte dessa”. Nesse sentido, as obras de Machado refletiam o contexto social da época em que o Realismo era predominante no Brasil, época na qual Machado era pioneiro. Para tanto, Cunha, Amandio e Saraiva (2010, p. 2) estabelecem uma relação entre a escrita de Machado e o contexto atual das relações humanas.

Os contos de Machado de Assis apresentam uma riqueza de significados que podem prender a atenção do leitor desde que sejam explorados em seus aspectos técnico-composicionais e desde que sejam estabelecidas relações com o contexto dos leitores da atualidade.

A escrita machadiana prende a atenção do leitor. Essa característica apontada em diferentes abordagens serve como um gancho para a elaboração de ações pedagógicas dinâmicas utilizando os textos literários. O professor se torna mediador e estabelece uma ponte entre a obra e o estudante, trazendo aspectos que facilitem o estudo do conto em sala de aula, como a leitura compartilhada. Acerca disso, Oliveira (1999 *apud* FRANÇA; PAULA, 2017, p. 2) destaca que “Machado de Assis se destacou em suas obras por apresentar a personalidade do ser humano através de seus

personagens e as mesmas apresentam fortes características psicológicas em seus contos.”, como em *A Carteira*, pois as personagens demonstram medos, angústias, segredos, algo que está próximo do ser humano. Nesse sentido, o conto “*A Carteira*” se aproxima da realidade das pessoas, despertando interesse na leitura, visto que o gênero conto é prosaico com uma escrita muito bem elaborada, principalmente quando integra Sequências Didáticas.

Em relação à Sequência Didática, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96-97) compreendem que ela corresponde a “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dessa maneira, a Sequência Didática propõe que os estudantes tenham o acesso à língua através de gêneros textuais, no intuito de aprimorar a leitura, a compreensão e outras habilidades. Ainda para Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004, p. 97), a Sequência Didática tem “a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto”, nesse caso, o gênero conto trabalhado a partir da literatura de Machado de Assis.

Mesquita, Leão e Souza (2016, p. 64) afirmam que

Para os autores da escola de Genebra, a estrutura de base de uma sequência didática é um processo formado por quatro etapas, quais sejam: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Essa estrutura é operacionalizada pela situação de produção, pelos objetivos e pelas tarefas propostas durante a realização da sequência didática.

Portanto, a Sequência Didática é caracterizada como proposta de atividades a partir de um eixo principal, para que, a partir disso, sejam realizados os módulos que a compõe. Geralmente, as sequências didáticas possuem uma estrutura composicional simples, deixando claro o gênero textual abordado para o desenvolvimento das ações pedagógicas.

Sequência didática a partir do gênero conto

“*A Carteira*” – Machado de Assis

Público alvo: 1º ano EM

Tempo estimado: 10 horas/aulas

Conteúdo: Texto literário – Gênero textual conto;

Objetivos:

- Ampliar o conceito sobre gênero textual, enfatizando o gênero conto;
- Compreender, a partir da leitura, as diferenças entre texto literário e não literário;
- Refletir sobre o foco narrativo;
- Trabalhar leitura e produção de sentidos;

- Entender sobre tempo psicológico e cronológico, características físicas e mentais das personagens e tipos de narradores.

1º momento: Leitura do conto

A Carteira¹

...De repente, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

— Olhe, se não dá por ela; perdía-a de uma vez.

— É verdade, concordou Honório envergonhado.

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradecer à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta cousa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

— Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa.

— Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma cousa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais.

D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política. Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados; ficou espantada, e perguntou-lhe o que era.

— Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A idéia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com trinta e quatro anos; era o princípio da carreira: todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a esperar, a gastar, pedir fiado ou: emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, — enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a

¹ Utilizamos o texto na sua versão original. Por essa razão, o texto não segue as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma coisa e encostou-se à parede, olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura. Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida? Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes. Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? Era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio. Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos... Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal.

"Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro," pensou ele.

Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?... Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dous cartões, mais três, mais cinco. Não havia duvidar; era dele. A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esborroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dous empurrões, mas ele resistiu.

"Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer."

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado, e a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma coisa.

— Nada.

— Nada?

— Por quê?

— Mete a mão no bolso; não te falta nada?

— Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou?

— Achei-a eu, disse Honório entregando-lhe.

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

— Mas conheceste-a?

— Não; achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar de toilette para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro

não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhete de amor.

Machado de Assis

2º momento: Discussão oralizada sobre o texto

- Levantar questões sobre o desfecho da história, o motivo do conto ter como título “A Carteira” e a relação desse título com o contexto;
- Refletir sobre características da escrita do autor.

3º momento: Atividade sobre o tema do conto

- Qual a problemática social de que trata o texto?
- Qual a situação delicada em que o personagem principal do conto se encontra?
- O que se pretende pelo autor do texto quando se coloca reticências em “De repente...”?

4º momento: Narrador

- Assinale V para verdadeiro e F para falso:
 - () Podemos dizer que o narrador, no conto, é onisciente (aquele que sabe de tudo o que se passa com a personagem), mas essa onisciência do narrador só se aplica a Honório, pois ele (o narrador) não sabe o que se passa no interior das outras personagens.
 - () O narrador pretende disfarçar sua onisciência, pois usa aspas em dois momentos, demonstrando o que Honório pensa. Com esse recurso, o leitor tem a impressão de que ele (o narrador) só sabe o que a personagem pensa nos momentos em destaque com as aspas.
 - () Desde o primeiro momento, o narrador já sabia de tudo, inclusive do desfecho do conto, que nos revela ser outro o tema abordado, mas fez o leitor crer que o tema do conto girava em torno de “devolver ou não devolver a carteira”.
 - () Quando o leitor, durante a primeira leitura do conto (sem conhecer ainda o desfecho), chega ao final, ele é induzido, pelo narrador, a crer que Gustavo “olhou desconfiado para o amigo”, porque Honório poderia ter se apropriado do dinheiro. Isso se dá pelo uso da palavra “desconfiado”.
 - () A narração do conto está em 1ª pessoa. Nesse caso, o narrador não é onisciente. Assim, não tem conhecimento das personagens e dos fatos.

5º momento: Personagens (características físicas e psicológicas)

- Quem são os personagens que aparecem no conto “A Carteira”?
- Quais as características (físicas e mentais) podemos encontrar nesses personagens?
- Relacione as colunas:

- (1) Honório
- (2) D. Amélia
- (3) Gustavo
- (4) A filha de Honório e D. Amélia
- (5) O homem que estava na porta da loja
- (6) Agiota
- (7) Credores

() Nenhuma característica dessas personagens é mostrada, mas, provavelmente, não elas não veem a hora de receber seu pagamento e, devido a um deles, que o pressionou, a protagonista ficou num conflito muito intenso entre devolver ou não a carteira.

() Nenhuma característica física dele é apontada. Há menção apenas à sua espontaneidade e simpatia em conversar com os outros, pois, ao se referir à protagonista da história, ele “lhe disse [algo] rindo”. Ele poderia ser o dono do estabelecimento, mas não é dito.

() Fingia estar alegre. Não permitia que ninguém soubesse de suas angústias. O único momento relatado em que demonstrou tristeza foi quando verteu lágrimas diante da filha.

- () Era zombado pelos jornais devido a um processo que perdeu, na função de advogado. Além disso, seus clientes o procuravam por causa de pequenos serviços, que não rendiam o que ele precisava.
- () Era poupada dos assuntos financeiros. Não sabia o que se passava com o marido.
- () Era inescrupuloso, pois frequentava a casa do amigo e tinha um caso com a esposa dele.
- () Não há descrição nenhuma dessa personagem. Porém, devido à sua função, que é a de emprestar dinheiro e cobrar juros mais altos que o dos bancos, supomos que seja alguém com condição financeira favorável.
- () Personagem que “vivia aborrecida da solidão”.
- () Tem quatro anos de idade.

6º momento: Estrutura da narrativa

- Pode-se dizer que a estrutura do conto é linear (começo, meio e fim)? Por quê?
- A estrutura narrativa do conto é composta por: situação inicial, conflito, desenvolvimento, clímax e desfecho. Observe os momentos abaixo e relacione com as estruturas.
- Honório encontra uma carteira na rua (_____).
- Honório está diante de Gustavo e de D. Amélia, que estão preocupados (_____).
- Honório devolve a carteira para Gustavo sem ter aberto os bilhetinhos e, por isso, sem descobrir que era traído (_____).
- Honório é advogado, tem uma família e está cheio de dívidas (_____).
- Honório passa a se preocupar em ficar ou não com o dinheiro que estava na carteira (_____).

7º momento: Tipos de discurso e tempo da narrativa

- Releia o conto e retire dele exemplos dos tipos de discursos presentes;
- Qual o tempo em que a narrativa se desenvolve? Exemplifique com trechos do conto.

8º momento: Reflexão sobre questões de consciência

- O que passou pela mente de Honório para que ele decidisse devolver a carteira ao amigo?
- Quando Honório, mesmo com todas as dificuldades decide entregar a carteira a Gustavo, chega em casa e encontra Gustavo e D. Amélia sentados à mesa com cara de preocupados, Honório sentiu o olhar de Gustavo como “um golpe de estilete”. O que isso significa? E Gustavo e D. Amélia, estavam preocupados por quê?
- Naquela época, em 1884, o adultério estava presente “nas melhores famílias”. Honório trabalhava como advogado, mantinha a família e gastava, ainda, com jantares etc. O adultério era algo muito estarrecedor. A sociedade não perdoava as pessoas que o cometiam, principalmente a mulher adúltera, mas esse aspecto não foi abordado pelo conto, pois a traição foi revelada para o leitor e não foi descoberta por Honório. Você esperava esse final de história? Por que e o que achou?

9º momento: Opinião dos estudantes sobre a visão geral do conto

- Qual característica predominante no conto que você achou mais interessante?
- Qual a sua visão de mundo em relação as questões de consciência dos personagens?
- Por fim, qual a sua visão geral do conto “A Carteira”, de Machado de Assis?

Reflexões sobre a SD

O desenvolvimento de práticas de leitura em sala de aula é um grande desafio para o professor, visto que os materiais didáticos comumente não dispõem de muito

suporte para que isso ocorra. No entanto, o docente pode buscar meios de aprimorar o ensino sobre textos literários para apresentá-los em sala. O hábito da leitura é algo que deve ser influenciado para que desperte nos estudantes o gosto pelo estudo. Assim, cabe a necessidade de se desenvolver atividades que estimulem a leitura, a compreensão e a escrita de textos. Propostas pedagógicas como a que foi apresentada não objetivam servir como receitas prontas para a reprodução em contextos de ensino variados. Elas atuam como estimuladoras de práticas de ensino mais coerentes com as realidades sociais.

Sobre isso, Geraldi (2016) diz que o professor precisa ultrapassar os limites da noção de reprodução de práticas e transmissão de conhecimentos e adentrar no plano concreto da mediação pedagógica, que se dá quando o docente planeja e efetua práticas que tenham como base as situações linguístico-discursivas e histórico-sociais dos sujeitos. Essa afirmativa se articula com o pensamento de Zozzoli (2006), para a qual o sujeito, tanto professor como aluno, constrói sua autonomia relativa com o passar do tempo e dos acontecimentos sociais. A autonomia do sujeito (ZOZZOLI, 2006) vai ser sempre relativa, uma vez que ela é oscilante e interdepende das relações acadêmicas, pessoais e profissionais dos sujeitos no decorrer da vida social.

A Sequência Didática apresentada, vislumbrando estimular práticas de leitura literária e compreensão no 1º ano do ensino médio, serve como um relevante pressuposto para o trabalho pedagógico no ensino fundamental e no ensino médio. A autonomia relativa (ZOZZOLI, 2006) do professor é responsável pelo processo de adequação da proposta apresentada para níveis mais ou menos avançados de ensino. Dada a complexidade da escrita machadiana, entendemos que essa proposta pode ser mais esmiuçada e endereçada para alunos do 3º ano do ensino médio, em preparação para vestibulares e outros processos seletivos.

A inter-relação entre a leitura, a compreensão e a produção de sentidos é uma ligação bastante válida para o ensino de língua portuguesa, em níveis de ensino e esferas variadas. O estudo da língua por meio da literatura e vice-versa revela práticas de ensino mais amplas e concretas, levando em conta aspectos linguísticos e discursivos.

Considerações finais

O estudo teórico-metodológico desenvolvido tem caráter propositivo e pretende contribuir de alguma maneira para a resignificação de práticas de ensino de língua

portuguesa, especialmente no que se refere ao ensino médio. Ficou nítido que o trabalho com gêneros textuais pode ser um importante veículo para a construção de conhecimentos linguístico-discursivos diversos, os quais só são possíveis por intermédio da mediação pedagógica do professor frente à sua sala de aula. O gênero conto contribui em grande escala com essa questão, pois, segundo Cunha, Amandio e Saraiva (2010), ele tem uma estrutura curta, é um texto menor que o romance ou a novela e, por esse motivo, torna-se de mais fácil compreensão. Além disso, o professor pode se utilizar desse gênero textual para realizar leituras comentadas e compartilhadas em sala de aula.

Conforme destacam França e Paula (2017) sobre Machado de Assis, a escrita desse autor tem características e traços únicos da época do Realismo no Brasil. No conto *A Carteira*, é de possível percepção traços comuns das obras do autor, como o adultério, que foi abordado de maneira implícita para o protagonista e explícita para os leitores, fazendo com que gerasse uma crítica a sociedade de família culta presente no Rio de Janeiro na época em que o autor escreveu o conto, no ano de 1884. Com base nisso, as obras machadianas devem ser utilizadas no ensino dos textos literários para incentivar a leitura e instigar a curiosidade do estudante, em virtude das temáticas geralmente abordadas nas obras de Machado. O gênero conto, por ser curto, facilita a leitura dos estudantes, levando-os a estudar a língua na sua realização natural e dinâmica, sendo, assim, mais atrativa e presente nos contextos de ensino e aprendizagem no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

ARAÚJO, M. J. F. S. Práticas Literárias na escola a partir do Gênero Conto. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v. 11, n. 18, 2015.

CUNHA, S. M. S.; AMANDIO, F. A.; SARAIVA, J. I. A. Os contos de Machado de Assis: Uma nova perspectiva no Ensino Médio. **Nau Literária: crítica e teorias de literaturas**, v. 6, n. 2, jul/dez., 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FRANÇA, R. I. G.; PAULA, D. F. **O Humor e a Ironia nos contos de Machado de Assis: “O Enfermeiro” e “Um homem célebre”**. Monografia (Graduação em Letras), Instituição Federal do Amazonas, 2017.

GAIGNOUX, Aline de Azevedo. **O texto literário na sala de aula: Trabalhando o Gênero Conto**. **Cadernos do CNLF**, v. XVIII, n. 03, p. 207-223, 2014.

GERALDI, J. W. Dialogia: do discursivo à estrutura sintática. In: RODRIGUES, R. H; PEREIRA, R. A. (Orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2016, p. 179-190.

KLEIMAN, A. B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 15. ed. Campinas: Pontes, 2013.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1972.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MESQUITA, E. M. C.; LEÃO, C. M. E.; SOUZA, D. F. B. G. As sequências didáticas como um procedimento de ensino para o gênero artigo de opinião. **R. Letras**, Curitiba, v. 18, n. 22, p. 55-74, jan./jul. 2016.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ZOZZOLI, R. M. D. Produção e autonomia relativa na aprendizagem de línguas. In: LEFFA, V. (Org.). **Pesquisa em linguística Aplicada Temas e métodos**. Pelotas: EDUCAT, 2006, p. 105-143.